

HOLDEN CAULFIED E O ROMANCE DE FORMAÇÃO: DA ADOLESCÊNCIA À VIDA ADULTA ¹

Camila Ferrari MULATTO²
Licencianda em Letras – Português
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

Este artigo analisa os traços do *Bildungsroman*, também conhecido como Romance de Formação/Educação, na obra de Jerome David Salinger *O apanhador no campo de centeio*. O interesse por analisar esta obra é justificado pelo fato da personagem principal, Holden Caulfield, apresentar as características do seu processo de amadurecimento. Os referenciais teóricos que embasam nosso trabalho são de Maas (2000), que apresenta um perfil histórico do Romance de Formação citando o filósofo Dilthey e o filólogo Morgenstern sobre o que é *Bildungsroman*. Outro teórico utilizado foi Bakhtin (2001), que irá defender a importância de o leitor perceber este processo de formação das personagens devido à estreita relação com o contexto histórico. Este gênero do romance apresenta uma problemática no que tange à classificação de uma obra literária tendo em vista que, na atualidade, as obras perderam um pouco o traço principal na formação da personagem, em relação ao cânone mínimo, que seria a relação da sua passagem da burguesia para a nobreza. Nosso objetivo é apontar os traços simbólicos presentes na obra de Salinger em relação à formação de Holden Caulfield.

Palavras-chave: *Bildungsroman*. Holden Caulfield. Literatura. Romance.

Introdução

O gênero romance, por ser altamente flexível, às vezes causa uma certa dificuldade ao indivíduo que pretende se debruçar sobre o estudo de uma obra literária. Segundo Azevedo (2013, p. 104), este problema se dá devido a sua constituição formada sobre a desagregação da estética clássica, também sobre a dissolução da narrativa imaginosa do barroco.

O próprio termo ‘romance’, de acordo com Aguiar e Silva (1976), faz alusão

¹ Artigo resultante do trabalho final apresentado à disciplina de Literatura Ocidental VIII, do curso de Licenciatura em Letras do IFSP/Câmpus São Paulo, ministrada pela Profa. Dra. Carla Cristina Fernandes Souto.

² Endereço eletrônico: ferrarimulatto@bol.com.br

remota à época medieval. Primeiramente, designou a língua vulgar, a língua romântica que, embora resultado de uma transformação do latim, já se apresentava de forma diferente. Posteriormente, a palavra romance alcançou um significado literário, apontando determinadas composições redigidas em língua vulgar. Apesar de suas flutuações semânticas, o vocábulo começou a denominar, sobretudo, composições literárias de cunho narrativo que eram primitivamente em verso para serem recitadas e lidas. É possível aproximar o preconceito em relação ao primeiro momento – escolha linguística, língua vulgar, romana – ao preconceito posterior, ou seja, o público. O romance, até o século XVIII, era um gênero literário desprestigiado, apreciado por leitores pouco exigentes, que se dirigia a um público feminino cujos objetivos eram o entretenimento e a evasão. Além de ser considerado um gênero inferior, era visto como um elemento de perturbação passional e de corrupção dos bons costumes (AGUIAR E SILVA *apud* AZEVEDO, 2013, p. 105).

Notamos que este gênero passou por problemas desde a inserção no público leitor, tendo em vista que era considerado inferior e por isso não era lido por uma grande parcela da sociedade, até no processo de classificação de uma obra como romance. O crítico literário Ian Watt (2010, p. 9-10), em sua obra *A ascensão do romance*, afirma que esta dificuldade ocorreu no início do século XVIII com os romancistas ingleses Defoe, Richardson e Fielding, pois não ofereciam nenhum tipo de indícios que pudesse caracterizá-los como precursores de uma nova escola literária.

Outro problema que tange a este gênero é em relação ao *Bildungsroman*, tipo de romance de origem alemã que tem como sua principal característica a apresentação da personagem em um processo de formação física, moral, psicológica, social ou política. Este processo geralmente é apresentado em uma obra literária desde a infância ou adolescência da personagem até atingir um determinado grau de maturidade. No entanto, se fôssemos considerar apenas este fator como determinante para classificar uma obra literária como romance de formação, poderíamos entrar em uma falsa categorização tendo em vista que, de acordo com Maas (2000, p. 23-24), qualquer produção literária feita após a obra de Goethe *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* será considerada um paradigma a ser seguido tanto na Alemanha quanto fora dela e deverá seguir suas características. Porém, para a crítica literária isto acaba gerando um problema tendo em vista o questionamento: “quais são as consequências, para os estudos literários, da utilização demasiada de um tempo tão impregnado de circunstancialidade e historicidade?” (MAAS, 2000, p. 24).

Neste momento, compreendemos que ter uma obra literária considerada como cânone mínimo a ser seguido como modelo acarreta um problema visando à transformação de uma determinada sociedade, uma vez que o que uma obra retrata em um determinado período não será o mesmo na época atual, por exemplo. Na obra de Goethe, a personagem principal aspirava à ascensão à classe da nobreza, pois considerava que somente dentro deste núcleo é que teria condições de aperfeiçoar suas qualidades. Ainda de acordo com Maas (2000, p. 21), encontramos a coerência no apontamento em que o *Bildungsroman*, como um produto de configurações históricas e literárias determinadas, se transforma ao longo da existência do próprio conceito. Portanto, o seu caráter histórico não irá se cristalizar no tempo e poderá sofrer alterações constantes no decorrer do processo histórico-literário.

Nosso estudo parte da hipótese de que uma obra literária, ao apresentar o processo de formação de uma personagem, poderá contribuir de forma significativa na formação do leitor e levá-lo à reflexão sobre os comportamentos de um indivíduo e/ou de um grupo como reação aos problemas presentes em uma determinada sociedade.

O *Bildungsroman*

De acordo com Maas (2000, p.13), *Bildungsroman* é uma palavra de origem alemã e que poderá ser compreendida por meio do processo morfológico de justaposição *Bildung* ('formação') e *Roman* ('romance'). A sua primeira manifestação ocorreu na Alemanha oitocentista em uma conferência pública realizada e proferida por Karl Montergenstern em uma Universidade Imperial, sobre "o espírito e as correlações de uma série de romances filosóficos". Montergenstern concebe uma definição ao termo, nesta conferência, de que se trata de um veículo de formação de caráter pedagógico, pois irá representar o processo de formação de uma personagem da infância ou adolescência até um determinado grau de maturidade e/ou perfectibilidade (MAAS, 2000, p.4)

Em relação ao caráter pedagógico, percebemos que esta ligação ocorre por considerar que este tipo de romance possui um elemento com potencial de corroborar para a formação do seu leitor e que isto não seria possível com qualquer outro romance.

Desse modo, esta ligação só foi possível devido ao crescimento dos indícios da educação moderna e aos estudos de Rosseau.

Ainda com Maas (2000, p. 20), o filósofo Wilhem Dilthey, com o ponto de vista de Montergenstern, aperfeiçoa a definição considerando que o *Bildungsroman* permite a caracterização de um “espírito alemão”, tendo em vista que este termo assente o desenvolvimento de um jovem dentro de uma determinada cultura e contexto histórico. Assim, o filósofo passa a concatenar a ideia do romance com o contexto histórico da época ao “período de emancipação política da Alemanha com o novo gênero literário que representa os ideais da burguesia, mostrando as características de um povo através da produção literária” (FROTA, 2009, p. 14).

A obra de Goethe *Os anos de aprendizagem de Wilhem Meister* é considerada como o cânone mínimo do *Bildungsroman* ao apresentar o núcleo da sociedade da Alemanha no século XVIII e que tem como personagem um jovem que transita de uma classe social a outra com o objetivo de poder obter aperfeiçoamento em sua formação:

Deixa que eu te diga em uma só palavra: aperfeiçoar-me, a partir do que realmente sou, tem sido meu desejo e minha intenção desde a mais primeira juventude... Fosse eu um nobre, estaria então nossa disputa encerrada; já que; já que sou apenas um burguês, resta-me seguir meu próprio caminho, e eu espero que possas compreender. Ignoro o que se passa em outras tetras, mas, na Alemanha, só ao nobre é possível uma formação universal, e, permita-me dizer, individual, (...) o nobre deve criar e empreender, ao passo ao passo que o burguês deve servir e trabalhar segundo as regras.

(...) se na vida cotidiana, o nobre não conhece seus limites... pode ele então apresentar-se perante seus pares com a consciência tranquila. Ele pode seguir adiante, ao passo que ao burguês nada se ajusta melhor do que a pura e tranquila consciência do limite que lhe é traçado (GOETHE *apud* MAAS, 2000, p. 21).

Nesta obra, a personagem principal sofre uma transformação em relação à sociedade, deixa de pertencer à classe burguesa e passa a fazer parte da aristocracia por meio de um casamento interclasses. Uma grande questão presente na obra de Goethe é justamente a possibilidade de “aperfeiçoamento e formação que restam ao burguês, em comparação com o nobre” (MAAS, 2000, p. 20),

produzida sob evidente oposição ao regime de terror que se seguiu imediatamente à Revolução Francesa. No romance de Goethe, as

mésalliances anunciadas ao fim do livro configuram a *égalité* entre os cidadãos, e as relações de parentesco, a *fraternité*. Goethe efetivamente realizou uma estetização da sociedade, por meio de intrincadas relações entre as personagens, que, ao final do romance, se explicam e se harmonizam, não apenas em relação ao matrimônio e parentesco, mas também de afinidades espirituais, eletivas (MAAS, 2000, p. 22).

A personagem sofre uma transformação junto da sociedade na qual está inserida – e a própria sociedade alemã está passando, nos últimos trinta anos do século XVIII, por uma transformação, a emancipação política. No mesmo momento, ocorre também, de forma concomitante ao aparecimento do termo, o reconhecimento do romance como forma literária “digna” e que representa os ideais da burguesia, “mostrando as características de um povo através da produção literária” (FROTA, 2009, p. 14).

Em conformidade com Maas (2000, p. 11), a figura autoral e biográfica predominante é então Goethe, ao mesmo tempo cânone e medida para a produção literária posterior. Este fato se dá devido ter ocorrido na Alemanha no século XIX a necessidade de ter uma grande obra que fosse capaz de servir como projeção para produções posteriores.

Com o surgimento deste novo tipo de romance, encontramos, através da obra *Estética da criação verbal*, de Mikhail Bakhtin (2001, p. 220-221), a caracterização da modalidade Romance de Educação³ estritamente relacionada do contexto histórico à formação do sujeito, uma vez que os aspectos presentes em uma sociedade de determinada época estão refletidos em sua formação. Diante de tal fato, encontramos a subdivisão de cinco modalidades que acompanham a diversidade da formação do homem.

Segundo Bakhtin (2001, p. 220), as personagens poderão percorrer os seguintes caminhos durante o seu desenvolvimento: a) o tempo idílico; b) cíclico; c) autobiográfico ou biográfico; d) didático pedagógico; e) o mais importante para o autor, que é o romance tipo realista por mostrar a formação do homem com uma grande influência da formação histórica.

³ M. Bakhtin apresenta em sua obra duas expressões possíveis para serem usadas e com o mesmo significado: *Romance de Formação* e *Romance de Educação*. No entanto, consideramos válido ressaltar que, em pesquisas recentes, ao procurarmos por *Romance de Educação*, aparece a obra *Emílio*, de Rousseau, que é um tratado de pedagogia, mas que tem um elemento de romance e por isso é citada por Bakhtin.

A exemplo deste último tipo citado por Bakhtin (2001, p. 221), a formação do homem será realizada no tempo histórico real com a sua necessidade, com o seu futuro. No romance de formação, a personagem poderá mudar seu *status* social, assim como ocorreu na obra de Goethe que serviu como paradigma, na Alemanha, para o estudo de obras literárias.

O apanhador no campo de centeio e o Bildungsroman

O apanhador no campo de centeio, obra de Jerome David Salinger, é um clássico da literatura americana. Publicado em 1951, nos Estados Unidos, o livro chegou ao ápice de vendas e consumo entre os jovens que viviam uma época em que aconteciam movimentos contraculturais como *beatnik* e *rock and roll*. O estudioso Frota (2009), ao tratar sobre o mesmo tema deste tópico, o *Bildungsroman*, na obra *O Apanhador no campo de centeio*, afirma que o livro de Salinger poderá ser considerado como uma espécie de bíblia da juventude da classe média estadunidense do pós-II Guerra Mundial. Mesmo diante de tanto sucesso e com grande aceitação pelo público, especialmente o de adolescentes, Salinger preferiu levar a vida de forma totalmente isolada.

O romance narra um período conturbado para Holden Caulfield, que está vivendo a transição da adolescência para a fase adulta. No entanto, no começo do romance conhecemos um problema pelo qual o jovem está passando novamente, a expulsão de um colégio, e esta “experiência” já acontece pela quarta vez. Holden era aluno do *Pency Prep School*, escola cara, só frequentada por membros de uma classe social elevada e de um alto nível de ensino.

Já nas páginas iniciais, o adolescente apresenta críticas ao comportamento daquela sociedade. “O Pencey estava cheio de vigaristas. A maioria dos alunos vinha de família riquíssimas, mas assim mesmo o colégio estava cheio de ladrões. Quanto mais caro um colégio, mais gente safada tem, no duro” (SALINGER, 2016, p. 10). O ex-aluno não se conformava com as propagandas que circulavam sobre este colégio. Afirmava que ali era um colégio como outro qualquer e que não era capaz de transformar ninguém. Esta crítica não está restrita somente a este colégio, pois,

umas das razões mais importantes para minha saída do Elkton Hills foi que o colégio estava entupido de hipócritas. Só isso, tinha um cretino em cada canto. Por exemplo, tinha o diretor, um tal Sr. Hass, que era filho da mãe mais fingido que já vi. Dez vezes pior que o velho Thurmer. Nos domingos, por exemplo, o Hass saía apertando a mão dos pais dos alunos que tinham ido ao colégio visitar os filhos. Aí era simpático pra burro e tudo mais. Exceto se os pais de um garoto fossem meio esquisitos. Era preciso ver o que ele fazia com os pais de meu colega de quarto. Se a mãe do menino fosse meio gordona ou suburbana, ou se o pai fosse um desses sujeitos que usam ternos com ombreira ou sapato de duas cores, aí então o velho Hass dava-lhes um simples aperto de mão, um sorriso hipócrita e passava adiante para conversa, às vezes quase *meia* hora, com os pais de um aluno qualquer. Não tolero um troço desses, fico maluco de raiva. Uma coisa dessas me deprime tremendamente. Eu odiava aquela droga daquele colégio (SALINGER, 2016, p. 20-21).

Holden sente-se deprimido com facilidade e reconhece que tem comportamentos que favorecem isso, como, por exemplo, na passagem em que fala sobre suas luvas:

Eu acho que nunca tive nada que me importaria muito de perder. Talvez seja por isso que eu seja covarde. Mas isso não é desculpa. Sei que não é. O negócio é não ser nem um pouquinho covarde. Se é hora de dar um soco na cara de alguém, e dá mesmo vontade de fazer isso, a gente não deveria nem conversar. Mas comigo não era assim. Eu preferia empurrar um sujeito pela janela, ou cortar a cabeça dele com um machado, do que dar um soco no queixo dele. Odeio briga de soco. Não que me importe muito de apanhar – embora, naturalmente, não seja fanático por pancada –, mas o que me apavora mais na briga é a cara do sujeito. Não consigo ficar olhando a cara do outro sujeito, esse é que é o meu problema. Não seria tão ruim se a gente estivesse com os olhos vendados, ou coisa que o valha. Pensando bem, é um tipo gozado de covardia, mas não deixa de ser covardia. E eu não procuro me iludir (SALINGER, 2016, p. 109).

Todos os fatos apresentados no livro e vividos pela personagem ocorreram como uma espécie de ponte que ele precisava para perceber que já não era mais possível voltar a ser criança. E esta percepção faz com que ele reflita sobre uma inocência da infância. Ao longo do livro, nós leitores notamos como o assunto sobre uma ingenuidade das crianças está presente e o quanto Holden sente-se responsável por elas.

Holden Caulfield, durante a sua vivência após ter saído do colégio, apresenta dificuldade em admitir que se tornou adulto, sente um grande desejo em resguardar a pureza infantil para não cair no abismo do mundo externo:

- Você sabe o quê que eu quero ser? – perguntei a ela.
 - Sabe o que é que eu queria ser? Se pudesse fazer a merda da escolha?
 - O quê? Para de dizer nome feio.
 - Você conhece aquela cantiga: “Se alguém agarra alguém atravessando o campo de centeio”? Eu queria...
 - A cantiga é “Se alguém *encontra* alguém atravessando o campo de centeio”! – ela disse. – É dum poema de Robert Burns.
 - Eu *sei* que é dum poema de Robert Burns.
- Mas ela tinha razão. É mesmo “Se alguém *encontra* alguém atravessando o campo de centeio”. Mas eu não sabia direito.
- Pensei que era “Se alguém agarra alguém” – falei. – Seja lá como for, fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto... quer dizer, ninguém grande... a não ser eu. E fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o quê eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e *agarrar* o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu poderia fazer. Sei que é maluquice (SALINGER, 2016, p. 204).

A obra discute o processo de transição da adolescência à vida adulta vivido pela personagem, Holden Caulfield, que necessitava deixar de lado a infância e adentrar no mundo adulto, assumindo responsabilidades.

Holden sente o quanto é sofrida a perda da inocência que ele julga ser uma característica somente das crianças e passa a olhar as atitudes das pessoas que estão ao seu redor com uma certa inconformidade. Percebemos que sua passagem pelos dois colégios citados acima faz com que ele queira estar cada vez mais distante daquele tipo de gente. Coisa que não aconteceria, na visão de Holden, se ainda fosse criança, tendo em vista que, por achá-las ingênuas, não possuiriam uma visão crítica a respeito das atitudes dos outros como sendo algo prejudicial ao seu meio.

Holden começa a ter vivências de iniciação à vida sexual em um mundo adulto quando vai à cidade de Nova Iorque. Destacamos algumas passagens em que Holden começa a ter tais experiências:

Vi um sujeito de cabelos grisalhos e ar muito distinto, só de cuecas, fazendo um troço de cair o queixo. Primeiro pôs a mala em cima da cama. Aí tirou uma porção de roupas de mulher e começou a vesti-las.

(...) Depois ficou andando pra lá e pra cá, no quarto, com uns passinhos miudinhos assim como as mulheres fazem, fumando um cigarro e se olhando no espelho. (...) [Q]uase em cima da janela dele, um homem e uma mulher estavam se encharcando: cada um esguichava um bocado de água em cima do outro. Talvez fosse uma bebida qualquer. (...) Não estou brincando, não, o hotel estava repleto de tarados (...) O diabo é que esse tipo de porcaria é meio fascinante da gente olhar, mesmo que não queira. Por exemplo, essa garota que estava levando os esguichos na cara, era um bocado bonita. Aí é que está o problema. Na imaginação, sou provavelmente o maior tarado sexual que existe. De vez em quando sou capaz de inventar uns troços um bocado indecente que não me importaria de fazer se aparecesse uma oportunidade. (...) Pensando bem é nojento. (...) É uma pena que um troço imundo desses às vezes possa ser um bocado divertido. (...) Sexo é o tipo de coisa que não consigo entender direito. A gente nunca sabe em que ponto está. Vivo estabelecendo uma série de regras sexuais para mim e aí, não demora muito, desobedeço a todas elas. (...) [S]exo é um troço que não entendo mesmo. Juro que não entendo (SALINGER, 2016, p. 65-66).

Como já percebemos anteriormente, o *Bildungsroman* tem como um dos seus elementos a colaboração com o aperfeiçoamento do leitor por meio das experiências vividas pelas personagens, e por isto é considerado como uma forma de aprendizado.

Para Marcus Vinícius Mazzari (1999, p. 67), o caminho percorrido pela personagem no romance de formação não necessariamente deve ser construído de forma equilibrada com a sociedade. Portanto, não devemos olhar para o cânone como um único modelo a ser seguido, pois o que ocorre com a personagem desta obra é uma manifestação dos desejos do burguês de fazer parte de uma sociedade, tendo em vista os conflitos sociais, políticos e econômicos que eram enfrentados na Europa entre os séculos XVIII e XIX. Se isso fosse um critério que necessitasse ser seguido, não poderíamos classificar a obra de Salinger como romance de formação, pois a personagem aqui observada não está passando pelos conflitos de busca pela ascensão social como oportunidade de aprimorar suas qualidades.

Neste caso, o que Mazzari (1999) nos chama atenção é que, ao avaliar sobre o processo de formação de uma determinada personagem, não devemos apenas observar os aspectos que tocam ao social, em razão de que o Romance de Formação passou por grandes transformações devido às duas Guerras Mundiais e com isso gerou uma fragmentação da personalidade individual, do projeto burguês que entrou em declínio, provocando uma mudança nos valores que afetam a formação. Entretanto, se na obra de

Goethe isto ocorreu, foi devido às condições históricas. Já na obra de Salinger, a personagem principal está em conflito com o seu meio devido ao seu processo de transição da adolescência à vida adulta.

De acordo com Frota (2009), no período em que a obra de Salinger foi publicada a educação do indivíduo era destinada a prepará-lo para entrar em uma universidade e futuramente cumprir papéis sócio-econômicos, em detrimento de uma educação artística e filosófica. Os Estados Unidos, pós-Segunda Guerra, por ser um país que mais faturou com isto, estavam com uma fartura de dinheiro e conforto; os trabalhadores “mal viam o dia passar” (FROTA, 2009, p. 19). Holden não queria tudo isso para sua vida. Todos os problemas que o jovem enxergava em sua sociedade eram aqueles que ele desejava manter longe das crianças: “tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo” (SALINGER, 2016, p. 204). Diante de todos estes incômodos, o jovem pretende fugir daquele lugar, uma vez que não será possível se harmonizar a um mundo hipócrita.

O traço educativo, presente no gênero romance de formação, ratifica o desvinculamento do processo de educar, que deveria estar restrito somente ao âmbito escolar e/ou familiar – a literatura, além de todos os benefícios que traz ao leitor, é capaz de contribuir com a sua formação.

Ao escolhermos a obra *O apanhador no campo de centeio*, do gênero romance, desmistificamos essa concepção preconceituosa sobre um material que contribui de forma ímpar para o desenvolvimento do indivíduo, ao retratar um ser humano que participa de forma ativa da sociedade em que está inserido e que, de acordo com Cândido, “tem, sobretudo, a possibilidade de ser reinterpretada à medida que o tempo passa, porque, tendo uma dimensão profunda de universalidade, funciona como se dirigisse à cada época que surge” (CÂNDIDO *apud* SILVA; FROTA, 2012, p. 271). Assim, sua essência não está petrificada em um tempo, e sua leitura permite ao leitor a identificação dos indivíduos de uma sociedade.

A obra de Salinger recebeu, em um primeiro momento, críticas negativas em relação à construção de sua personagem principal; acreditava-se que a construção de Holden não seria positiva aos leitores devido à cogitação de que a personagem incitaria à anarquia. Coutinho (2008, p. 115 *apud* SILVA; FROTA, 2012, p. 276) defende que a literatura é arte que, através das palavras, representa o imaginário do escritor e dialoga com as emoções de cada leitor.

Além das impressões negativas a respeito da obra, Salinger enfrentou outras barreiras para publicar o texto. Quando terminou de escrever seu romance, foi procurado pela companhia *Harcourt Brace*, que recusou publicá-lo por considerar o comportamento da personagem “inadequado”. Percebemos que, à primeira vista, *O apanhador no campo de centeio* não foi bem aceito pela sociedade por apresentar comportamentos de um jovem que enfrentava conflitos com a sociedade – a perda da verdade e da sensibilidade daquela maioria da população estadunidense.

Considerações finais

O presente estudo partiu da concepção de que, até o século XVIII, o gênero romance era considerado como inferior, uma vez que se acreditava que os leitores deste material não necessitavam de muito esforço para a sua compreensão, tendo em vista que o romance foi julgado por aludirem como uma obra com um caráter de puro entretenimento e, portanto, qualquer um estaria apto a sua leitura.

Ao irmos percorrendo, na obra, os caminhos junto a Holden Caulfield, vamos notando todo o processo de formação, enquanto sujeito, pelo qual ele passa, e nós, leitores, vamos por vezes refletindo sobre o nosso processo de amadurecimento, além de como fatores externos, a exemplo de problemas da sociedade, podem nos afetar. Assim, notamos que seu sucesso na década de 50, mesmo recebendo críticas negativas, poderá ter sido causado em função dos problemas a que o jovem vai sendo apresentado durante a obra, desafios estes ligados ao ambiente escolar e à sociedade.

Quando um escritor desenvolve no seu público uma empatia, o leitor passará a refletir sobre tudo o que está presente no livro; cogitamos ainda a possibilidade de quantos jovens terem se identificado com a personagem e com isso terem aprimorado suas capacidades e aperfeiçoado a sua formação. A transição da adolescência à vida adulta costuma ser um momento conturbado para grande parte dos indivíduos, independentemente da sociedade em que estão inseridos. O romance de formação, por não ter sua configuração cristalizada em um determinado período, faz com que percebamos estes traços em outras obras que surgiram ao longo destes últimos anos e permite que façamos uma coadunação entre o período de produção e o contexto histórico.

Referências

AZEVEDO, C. C. de. A formação e o desenvolvimento do romance. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 47, dez. 2013. p. 104-122.

BAKHTIN, Mikhail. O problema no romance de educação. In: **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 217-224.

FROTA, Adolfo José de Souza. O *Bildungsroman* e a perda da inocência em *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger. **Revista de Letras Noroeste**, Mato Grosso do Sul, jan.-jun. 2009. Disponível em <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/noroestes/article/view/848/576>>. Acesso em set. 2017.

MAAS, Wilma Patrícia. **O cânone mínimo: o Bildungsroman** na história da literatura. São Paulo: Unesp, 2000.

MAZZARI, Marcus Vinícius. **Romance de Formação em perspectiva histórica**. O tambor de lata de G. Grass. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

SALINGER, J. D. **O apanhador no campo de centeio**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2016.

SILVA, S. O. Rodrigues da; FROTA, W. Nunes. J. D. Salinger, *O apanhador no campo de centeio* e a plena autonomia do sistema/campo literário nos Estados Unidos. **Estudos Anglo-Americanos**, Universidade Federal de Santa Catarina, n. 37, 2012.

WATT, I. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOLDEN CAULFIED ET LE ROMANCE DE LA FORMATION: DE L'ADOLESCENCE A L'AGE ADULTE

RÉSUMÉ

Cet article analyse les aspects du Bildungsroman, également connu sous le nom de Romance de la formation/éducation dans l'œuvre de Jérôme David Salinger, le receveur dans le domaine du seigle. L'intérêt d'analyser ce travail est justifié par le fait que le personnage principal, Holden Caulfield, présente les caractéristiques de son processus de maturation. Les références théoriques qui soutiennent notre travail sont Mass (2000), qui présente un profil historique de la Romance de la Formation citant le philosophe Dilthey et le philologue Morgenstern sur ce qui définit le Bildungsroman. Un autre théoricien que nous avons utilisé était Bakhtin (2001) qui défendra l'importance du lecteur de percevoir ce processus de formation des caractères en raison de la

relation étroite avec le contexte historique. Ce genre de roman présente une problématique en ce qui concerne la classification d'une œuvre littéraire puisqu'à l'heure actuelle les œuvres ont perdu un peu le trait principal dans la formation du personnage, par rapport au « canon minimum », qui serait de la transition de la bourgeoisie à la noblesse. Notre objectif est de souligner les caractéristiques symboliques présentes dans le travail de Salinger en relation avec la formation de Holden Caulfield.

Mots-clés: Bildungsroman. Holden Caulfield. Littérature. Romance.

Envio: dezembro/2017

Aceito para publicação: março/2018

REGRASP (ISSN 2526-1045), v. 3, n. 3, jun. 2018